

JORGE AMADO: APRECIÇÃO CRÍTICA EM ROTAS INTERLINGUAIS

Patrícia Gomes Germano.

Há uma qualidade que une todos os grandes escritores: escolas e colégios para que eles permaneçam vivos para sempre. Tirem-nos do currículo, lance-nos à poeira das bibliotecas, não importa. Chegará um dia em que um leitor casual, não subvencionado e nem corrompido, os desenterrará e os trará de novo à tona, sem pedir favores a ninguém.

Ezra Pound.

Presente no cenário literário por mais de oito décadas, criador de uma expressiva obra cujo alcance e abrangência de público lhe confere uma das maiores popularidades entre os escritores nacionais. Autor de *best-sellers*¹, com textos “traduzidos” aos mais diversos suportes, Jorge Amado² ainda é considerado o segundo romancista nacional com a maior aceitação em terras estrangeiras, perdendo apenas para Paulo Coelho³, além de ser reconhecido como “o único escritor brasileiro a exercer algum “impacto” não apenas nos círculos acadêmicos internacionais, mas também junto ao público internacional em geral.” (ARMSTRONG, 1999).

¹ Cf. Goldstein (2003, p. 20) “A soma de todos os exemplares vendidos pela Record de 1975 a 1997 foi de 20.050.500 livros – sendo Capitães da Areia o campeão de vendas, com 4,3 milhões, por ser adotado em escolas de todo o país. Quanto ao período anterior a 1975, a extinta Editora Martins alega ter perdido os arquivos. Mas tem-se uma pista no jornal O Estado de S. Paulo de 4-5-1974, que publicou a manchete, ‘Jorge Amado: 10 milhões de exemplares. Adicionando os 10 milhões anunciados no jornal no ano de 1974 à cifra da Record de 20 milhões de 1975 até os dias atuais, chegamos a uma estimativa de 30 milhões de unidades só no Brasil”.

² Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912 na fazenda Auricídia, localidade de Ferradas – interior de Itabuna – em meio às lutas e caxixes realizados no interior baiano à época dos desbravamentos e posse de terras para o cultivo do cacau. Alfabetizado pela mãe e pela professora Dona Guilhermina, na cidade de Ilhéus, o autor cria, em 1922, *A Luneta Mágica*, espécie de jornal distribuído entre vizinhos e familiares. Em 1928, funda, juntamente com Edison Carneiro, Alfredo Dias Gomes e outros membros, a “Academia dos Rebeldes”, grupo literário baiano com sede no Pelourinho. Em 1930, muda-se para o Rio de Janeiro a fim de cursar Direito. Entre os anos de 30 e 40, exerce atividades políticas e engaja a arte que produz às propostas articulistas do PCB, mas é em 1946 que alcança, efetivamente, a carreira pública, quando assume o cargo de Deputado Federal. Em 1948, o autor/deputado cancela o registro de filiação junto ao Partido Comunista e perde o mandato. Vítima de perseguições políticas, exila-se em Paris e de lá viaja por outros países como Itália, Polônia, Tchecoslováquia, União Soviética, China, Mongólia, Uruguai, Argentina. Faleceu em 06 de agosto de 2001. Cf. Tati(1961), cf. Tavares (1969).

³ Consoante dados da UNESCO, a partir do *Index Translationum* (lista de traduções de obras literárias para o mundo inteiro, organizada desde 1932), com última atualização em 2011, Jorge Amado é o terceiro escritor mais traduzido em Língua Portuguesa como 414 traduções espalhadas em mais de cinquenta países. Perde apenas para Paulo Coelho, como 878 e para José Saramago, com 468 traduções. Em se tratando de Brasil, é o segundo escritor mais traduzido. Nessa listagem não estão catalogadas as traduções intersemióticas e nem as intralinguais fato que, certamente mudariam tais números.(JAKBSON, 1970). Cf. **INDEX TRANSLATIONUM – A Tradução no Mundo segundo a UNESCO**. Disponível em <http://conexoesitaucultural.org.br/mapeados/index-translationum-a-traducao-no-mundo-segundo-a-unesco/>

Em que pesem essa ampla empatia dentro e fora das “fronteiras nacionais”, dentro e fora do espaço literário, a recepção crítica aos seus textos está longe de qualquer consenso, haja vista sua constante imersão em apreciações polêmicas e heterogêneas.

Paulo Bezerra (1996, p. 11), em prefácio ao texto de Eduardo Assis de Duarte: *Jorge Amado: romance em tempos de utopia* observa que,

A crítica da obra amadiana tem-se caracterizado, com raras exceções, pela falta de abrangência e profundidade, por um preconceito estético que frequentemente mascara o preconceito ideológico e, principalmente, pelo despreparo teórico para compreender o real significado da obra, além do desconhecimento das matrizes populares que a alimentavam. Em vista disso, mantém-se quase sempre alheia à natureza do projeto amadiano, passando à margem ou simplesmente ignorando as convenções de que o autor lançou mão para concretizá-lo.

Pierre Rivas (2004) compreende a recepção crítica às obras amadianas pelo viés dicotômico erigido tanto pelo sucesso adquirido, graças ao público leitor, como pelos infortúnios, advindos dessa legitimação popular, fato que colabora para um não aceitação por parte do cânone literário, principalmente aquele que ansiava por uma divulgação dos textos modernistas, em sua fase heroica, frustrada pela pouca familiaridade do leitor com as produções daquele contexto desbravador.

Já para Eduardo Assis de Duarte (1996, p. 17), “seus romances instigaram desde o início reações as mais díspares, da adesão entusiasmada ao repúdio mais veemente”, o que ratifica a necessidade de um posicionamento analítico situado no entre-lugar desses polos epistemológicos que ora exaltam, ora denigrem o projeto literário formulado por Amado.

“Navegações de cabotagem⁴”, as obras amadianas, mais que dúbias, plurais, dimensionam a potência interdisciplinar que os seus escritos comportam, inclusive proporcionando uma apreensão metonímica do que escreve e despertando o interesse da crítica em suas mais diversas áreas.

Por esse viés, entendemos que entre os vários mecanismos que põem os textos em relação manifestas, no âmbito literário, as opiniões críticas, surgidas a partir das obras de um autor, podem ser elencadas como ferramentas intertextuais prolongadoras e ressignificadoras do diálogo estabelecido entre ela e o texto foco, gênese para sua construção.

No livro *Palimpsests: Literatura in the Second Degree* o teórico francês Gerard Genette evidencia que o objeto das análises literárias não pode concentrar-se na supostas imanência e nos seus mecanismos internos e nem abster-se de considerar, como foco primordial, as ligações transtextuais constituintes, a quem denomina de *transcendance textuelle*. Para metaforizar essas possíveis relações, usa a imagem do palimpsesto, como pergaminho que, ao ser raspado, revela a permanência de outros textos predecessores e configuradores de seu atual e provisório acabamento. Segundo afirma,

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por

⁴ Diz-se uma navegação de cabotagem, no linguajar náutico, aquela que ocorre entre vários portos e um mesmo território.

transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de uma outra obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. Este meu texto não escapa à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor. (GENETTE, 2006).

Conforme argumenta, essas relações transtextuais, das quais as obras não podem prescindir, mostram-se em construção ininterrupta, dada ao nomadismo e imprevisibilidade constantes no universo literário.

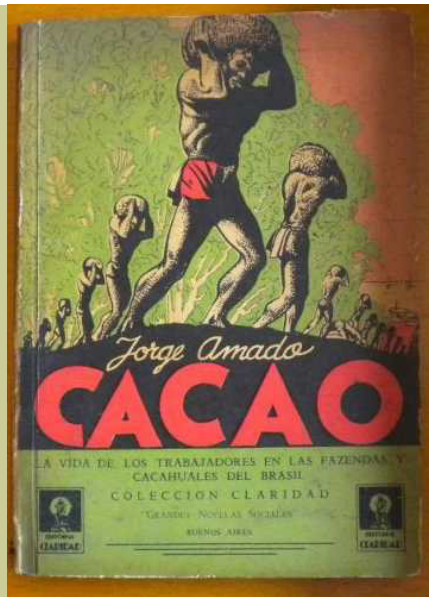
Nosso intuito nesse artigo principia em observar as estratégias de tradução e a recepção crítica das obras de Jorge Amado em alguns dos países em que fora traduzido, ao tempo em que nos voltaremos para os metatextos críticos ali produzidos como ressonâncias e continuidades, de suas traduções interlinguais. Esses novos olhares, permeados por relações interculturais, mostram-se relevantes na construção de outros *representamens* para as obras amadianas em outros sistemas culturais alhures à sua gênese e produção.

Conscientes da noção de tradução interlingual cunhada por Jakobson (1980, p. 65) para quem esse tipo de mudança é a “transmutação propriamente dita” e “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de uma outra língua”, buscando-se pois, uma equivalência na diferença, não nos deteremos aqui em perscrutar as peculiaridades próprias das equivalências entre idiomas, mas, principalmente em perceber os aspectos transculturais que, necessariamente englobam a noção puramente linguística e mostram-se determinantes para apreciação crítica do texto em outro idioma, em outra cultura.

Conforme Goldstein (2003), não há um registro seguro sobre a publicação dos textos amadianos no exterior, uma vez que a pirataria liquefaz esse controle. No entanto, estima-se que mais de 20 milhões de exemplares tenham circulado ao redor de cinquenta e cinco países, com destaque para traduções em francês, alemão, espanhol, inglês, italiano, polonês e russo. Seus primeiros livros começaram a ser traduzidos para outros idiomas, numa perspectiva interlingual⁵, já na década de 30, graças à ação da Intentiona Comunista que se faz “canal de difusão”(RIVAS, 2004) dos seus escritos engajados, com destaque para o livro *Cacau*(1933), primeira tradução de Amado em espanhol, publicado na Argentina, em 1935, com o título: *Cacao: la vida de los trabajadores em las fazendas e cacahuales de Brasil* com tradução de Héctor F. Miri e lançado na Rússia com o título *Cacao* pela editora de Literatura Estrangeira sem editor definido.⁶

⁵ À perspectiva da tradução interlingual somam-se a de tradução intralingual e intersemiótica trabalhadas por JomanJakobson em seu livro *Linguística e Comunicação* (1970).

⁶ Cf. *Cadernos de Literatura* traduzido também para o dinamarquês, coreano, holandês e polonês. Não há registros, entretanto, de datas específicas nem de tradutores. Há julgar pela inclusão como nota explicativa da tradução realizada em Moscou, pode-se inferir que as traduções foram simultâneas.



(Capa do romance *Cacao* – tradução de *Cacau* para o espanhol)

Semelhante ao ocorrido no Brasil, uma heterogênea apreciação crítica demarcou as facetas de Amado apreendidas de diferentes formas em diferentes países com sistemas culturais e governamentais diversos, descaracterizando assim, qualquer pretensão de fidelidade a uma suposta essência do texto traduzido, posto que a plurivocalidade de suas dimensões, associadas ao contexto tradutório de chegada, fazem “explodir” (MACHADO, 2007) da/na obra outras formas de sentido e, conseqüentemente, de interpretação.

Pela vendagem em considerada escala de seus textos, não raro encontrar posicionamentos que apontam as obras amadianas como precisas referências que o “estrangeiro” tem do que é ser brasileiro, inclusive adentrando nas problemáticas da formação histórica de um país e da sua dinâmica cultural celebrante do intercâmbio entre etnias, entre cultura, entre interesses políticos e entre posicionamentos de ordem cosmogônica.

Regina Helena Machado Aquino Correa, em seu texto de doutoramento *Barreiras Culturais da Tradução* (1998) chama a atenção para os mecanismos trabalhados por Amado em cuja abordagem do local se fez interesse para um número expressivo de culturas e idiomas correspondendo, pois, aos seus anseios de escrever para as “massas”.

Eduardo Assis Duarte, atribui esse sucesso editorial, fora de sua pátria de origem, a três fatores: o primeiro: a sua atuação política, em prol das ideias socialistas, entendendo que os mecanismos articuladores do partido, difundidos por Amado na tribuna, como deputado, nos jornais, como jornalista, e nas obras militantes, foram fundamentais para despertar os interesses pelas utopias ali expostas, vendo-as como similares às aquelas experimentadas em geografias diversas; segundo: a repressão sofrida por conta de seus posicionamentos políticos, pontocriador de um “auratismo” naquilo que escrevia, fazendo a curiosidade em torno de seus livros, recolhidos pela polícia, mostrar-se extremamente amplificada; terceiro: a inegável aproximação de sua verve a técnicas estilísticas de fácil apreensão e voltadas ao gosto popular.

Duarte não desconsidera ainda, o fato de Jorge Amado ter se utilizado do período em que recebeu asilo em outros territórios para divulgação militante de sua obra. Conforme afirma, quando analisa a sua repercussão na França “Em seu exílio

político, que vai de 1948 a 1949, o escritor e o militante formam um só Jorge Amado” (DUARTE, 2004, p.66).

É, pois, a própria França que aparece como o país líder em traduções das obras amadianas e o ingresso de suas narrativas em terras francesas ocorre antes do acolhimento em Paris por ocasião de seu exílio político. Já em 1936, de acordo com as proposições de Rivas (2004), um capítulo do livro *Jubiabá* é traduzido e publicado. Nota-se que um primeiro capítulo da obra já fora posto em circulação em novembro de 1936 em *Les Cahiers du Sud*, para, finalmente em 1938 surgir enquanto tradução de Michel Bervieller e Pierre Houcarde, com o título de *Bahia de Tous les Saints* sob a tutela da Gallimard.



(Capa da tradução de *Jubiabá* – edição francesa)

Esse Jorge Amado da década de trinta, pela ótica da crítica francesa, também merece um acolhimento dúbio. Segundo Duarte (2004, p. 65), “André Gide anota em seu *Journal* críticas severas ao texto escrito por Amado aos vinte e três anos e afirma: ‘não posso me interessar por essa narrativa linear, isto é sem espessura, unicamente discursiva, embora admita a presença de certas qualidades, aliás vulgares.

O viés exótico demarcador de um Brasil folclorizado, conforme Gide, somado à falência dos requisitos estilísticos, à moda da literatura parisiense, foram as facetas relevantes para apreensão e para a interpretação crítica às obras de Amado, de modo que sua popularidade como autor de “crônicas amaneiradas e de costumes” (COUTINHO) extrapolou a fronteira nacional. Para Quint (2004, p. 47),

O entrecho sentimental é com certeza excessivamente melodramático. Mas a evocação do povo da cidade de Salvador, a escolha do herói preto, pobre e marginalizado, confrontado às oposições de classes sociais, a apresentação positiva dos cultos afro-brasileiros (os candomblés), a ternura do autor pelas suas personagens mais humildes e mais exploradas, eis o que capta o interesse; [...].

Assim esse primeiro filtro de apreensão sobressai-se ao aspecto populista e ao seu projeto de “escrever para o povo” percebido, concomitantemente, por Albert Camus para quem Amado, ao recuperar as técnicas folhetinescas e priorizar “heróis positivo” o faz no intuito de dar voz ao povo, diga-se de passagem, abrindo mão de replicar as técnicas introspectivas e monótonas ainda em vigor.

Para Camus (apud Duarte, 2004) o que há em Amado é “uma abandono à vida no que ela tem de excessivo e desmedido”. Para Blaise e Cendrars (apud Machado, 2006, p. 2), “a alteridade da periferia”. Ou seja, dois coros distintos de vozes críticas se levantam: um deles, em protesto contra a “popularização” do literário ou da militância exacerbada latentes em suas obras; outro, com lente voltada à plasticidade estilística da produção, as peculiaridades do uso do código e das técnicas literárias à serviço de um projeto de inserção dos proscritos, agora representados pelas classes trabalhadoras oprimidas pela ação do capitalista.

A título de ilustração desse contexto de recepção e interpretação crítica em torno do texto amadiano, Anne-Marrie Quint (2004) no ensaio *Passeio pelas Traduções Francesas dos Romances de Jorge Amado* chama a atenção para as trinta e quatro versões oriundas das trinta e uma narrativas traduzidas do “brasileiro”⁷ para o idioma francófono.⁸ Conforme argumenta, o empenho tradutório em torno da obra de Amado é iniciado em 1938, com a publicação de *Bahia de Tous les Saints* e consolidado somente em 1946 quando Claude Plessis lança *Terre Violente*, tradução de *Terras do Sem Fim* publicado quatro anos antes no Brasil. Esse quantitativo numeroso de traduções, segundo Quint, pode ser tributário tanto da popularidade do autor na França, como pela atuação de seustreze tradutores, com destaque para Alice Raillard cujas traduções alcançam o expressivo número de doze volumes.

Dessa maneira, Anne-Marie Quint mostra-se atenta a uma evolução no movimento tradutor dos textos de Amado, ocorrido em solo francês, cuja demarcação organiza-se em blocos. Segundo afirma, num primeiro momento houve um esforço pessoal dos tradutores ancorado na empatia despertada pelo texto de origem, e por prováveis relações de amizade, principalmente na tradução de *Jubiabá* em 1938. Posteriormente, um momento marcado pelo olhar social e político imanente em suas obras, inclusas aí as traduções de *Terre Violente* (1946) até *Cacau*⁹ (1952). Nesse instante, a influência do socialismo mostra-se fundamental para que um número de textos sejam convertidos e distribuídos em grande escala entre o público francês, inclusive traduzindo-se textos iniciais de sua produção até então desconhecidos na França. Com a publicação de *Gabril a fille du Brésil*¹⁰, em 1959,

⁷ Cf. Pierre Rivas (2004, p.34), no contexto tradutório de *Jubiabá* para o francês, surge uma alusão à tradução do “brasileiro” para o francês. “Para escândalo de certos portugueses, mesmo daqueles que se encontram mais abertos à literatura brasileira.”

⁸ Nos arquivos estatísticos catalogados na **Fundação Casa de Jorge Amado**, é sugerido o número de trinta e seis traduções para o francês, incluídas nesse rol a tradução de *O Mundo da Paz*, nem sempre citada entre a bibliografia amadiana e a entrevista concedida a Alice Raillard, no final da década de noventa.

⁹ A tradução de *Cacau* (1933) para o francês *Cacau* é de responsabilidade de Jean Orecchioni, Editora Nagel, 1955.

¹⁰ A primeira tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) para o idioma francófono data de 1959, ou seja, apenas um ano após sua publicação no Brasil. Este texto foi traduzido por Violante do Canto e Maurice Rocha, publicado pela *Seghers*. Há ainda outra tradução do mesmo romance, desta feita realizada por Georges Boivert, lançada pela *Stock* em 1971 com o título de *Gabriela, Girofle et Cannelle: Chronique d'une Ville de L'État de Bahia*.

fecha-se o ciclo de romance, ao tempo em que um recrudescimento no número de traduções é percebido e estas só voltam a ter a regularidade das décadas de quarenta e cinquenta com *Les Deux Morts de Quinquin-la-Flotte*, para novamente se eclipsarem até a década de 70, quando Conrad Detrez publica *Les Pâtres de la Nuit*.¹¹

Segunda a pesquisadora, "curiosamente, enquanto *Gabriela* anunciava uma viragem na inspiração do romancista, que introduz nesse livro uma dimensão humorística pouco explorada até então, constata-se depois um eclipse, como se esse humor desconcertasse editores e públicos" (QUINT, 2004, p.48).

Nas décadas de setenta e noventa as traduções de Alice Raillard ganham espaço e, no entremeio, ou seja, nos anos oitenta, a editora *Messidor* compromete-se em trazer ao público francês reedições e novas traduções das obras militantes do autor da fase engajada de sua produção.

Assim como Quint e Duarte, Pierre Rivas traz em, *Fortuna e Infortúnios de Jorge Amado* (2004), a percepção da multiplicidade envolvida na apreensão crítica das traduções de Amado no interior do cânone francês. Para esse estudioso, mesmo sendo "patrocinado" pelas ideias socialistas, Amado extrapola os limites panfletários sugeridos pela Intentiona Comunista e formula narrativas expressivas mais de revolta do que de revolução.

Esse tom revoltoso, outrossim, erige-se em torno dos anseios do povo, das vivências subalternizadas em suas variadas experiências, não somente se limitando à consciência de classe, mas também, ao propor a recuperação de fórmulas estéticas relegadas ao esquecimento. Ou seja, ali, onde as ideias marxistas pretendiam intervenção sociocultural, por intercurso da literatura, um Jorge Amado populista obscurece um Amado militante, recortado, sobretudo, pela empatia que esse recurso encontra na França de então, berço acolhedor das propostas soviéticas e ainda, ávida por perturbar o cânone oficial e através da ascensão de autores periféricos. Conforme sinaliza,

A obra do brasileiro irrompeu com alarde: muito linear e sem profundidade, para Gide. Mas pode-se observar que escritores da periferia francesa, o argelino Camus e o suíço Cendrars, colocarão a obra do periférico baiano (em relação à centralidade do Brasil Sul) em oposição aos jogos formais, diletantes e frívolos de um certo parisiense. Foi assim que Camus saudou [...], esta literatura que arrisca em contraposição aos jogos gratuitos de Giraudoux, opondo "o que há de fecundo, uma certa barbárie livremente consentida" à "uma certa tradição da nossa literatura atual que se especializou no gênero produto superior da civilização" (RIVAS, 2004, p. 37).

Portanto, a estratégia de trazer para os romances os anseios das classes marginalizadas, inclusive pela recuperação de técnicas literárias advindas do popular, são saudadas como pontos determinantes na apreensão crítica do texto amadiano e, o que era condenado por uma parte do cânone, é dimensionado como um ponto importante nas leituras surgidas das traduções dos seus textos.

No caso das traduções interlinguais e das "traduções" como crítica desenvolvidas na Alemanha, o professor Marcell Vejmelka elabora uma entusiasmada análise da pluralidade de Amados que se presentificaram nos espaços da Alemanha Oriental, a RDA, e da Alemanha Ocidental, a RFA até início da década de noventa.

¹¹ Tradução de *Os Pastores da Noite* (1964) pela Stock, Paris.

Interligando as mais de cinquenta traduções das obras de Jorge Amado para o idioma germânico à mesma heterogeneidade receptiva vivenciada no Brasil, Vejmelka argumenta que, se o regionalismo do nordeste, no qual o autor é enquadrado como consenso crítico, causou estranhamento e divergências opinativas em seu país de origem, em solo estrangeiro, com seus sistemas linguístico-culturais diversos, essa literatura já estaria em assentar-se numa estranheza acentuada. Em especial no âmbito germânico, a divisão geográfica, propiciada pela compartimentalização política, será decisiva tanto para a realização tradutória, como para a apreensão e interpretação crítica das versões alemães originadas de seus textos.

Desse modo, principiando esse percurso, Vejmelka recupera um quantitativo crítico representativo e relacionado à leitura de Jorge Amado nas subdivisões do mundo alemão. Sua finalidade reside em demonstrar como os fatores presentes nas obras amadianas foram trabalhados naqueles universos discursivos particulares, permeados pelos interesses e visões de mundo dos tradutores, enquanto sujeitos interpelados ideologicamente.

Por esta rota é demonstrado que, na Alemanha Oriental, a Alemanha social-comunista, a crítica aos textos de Amado precederam às traduções para o idioma, de modo que, já no final da década de quarenta, um artigo publicado pela escritora Anne Seghers sobre o livro *Terre Violente*, tradução francesa de *Terras do Sem Fim* (1946), apresenta o autor como o "Balzac" sul-americano, hábil em captar o real transplantado para as suas obras, um real diferenciado daquele vivificado em sociedades industriais, posto que o mundo, captada pelas lentes do escritor brasileiro, mostra-se livre das abstrações e alienações capitalistas europeias, mais próximas assim, do exotismo e nativismo, sem afastar-se dos proscritos sociais.

Contudo, é a década de cinquenta, após a primeira tradução de *Jubiabá* realizada por Hans Wiltsch e Herbert Brauning¹², que uma imagem dicotômica de Amado é construída de modo mais eficaz. Durante esse período, assinala Vejmelka (2008), quatro livros de Amado são traduzidos para a Alemanha Oriental, todos oriundos do idioma francês, o que salienta a importância dada às obras do escritor, pois a falta de tradutores habilitados no português, não é vista pelos alemães como barreira para divulgação de suas obras, tendo portanto, espaço para a tradução de traduções.

Desde os primórdios das apreciações amadianas nos territórios germânicos, posicionamentos negativos e positivos se alternam. As críticas acolhedoras ficam por conta de algumas resenhas publicadas no jornal *Freie Press*, em dezembro de 1951, espaço onde *Jubiabá* (1935) é apresentado em sua função de ponte, de elo de ligação, interconexão entre um Brasil, desconhecido e exótico, mas envolto em lutas sociais, com a Alemanha Oriental e seu arraigado socialismo. Estas particularidades brasileiras, trazidas por Amado em *Jubiabá* (1935), projetam sua obra à universalidade, pois conseguem aproximar a narrativa regionalista latino-americana aos anseios expansionista-socialistas tão em evidência entre as nações leninistas. Desse modo, sua literatura mostra-se como porta-voz das lutas sociais arregimentadas num continente geograficamente distante,¹³ contudo próximo no que toca à utopia comunista.

¹² As primeiras traduções de textos amadianos para a Alemanha oriental são produzidas na Áustria. Cf. Vejmelka (2008).

¹³ Vejmelka chama atenção para a divulgação militante que a estação de rádio *Landessender Potsdam* realiza no programa *Intervalo Operário*. Ali os textos de Jorge Amado também aparecem como lugares aproximativos entre

Por outro lado, durante esse mesmo ano, o jornal *Neue Zeitung*, publicado em Berlim, entende que o exotismo das personagens, a pluralidade de episódios e o banditismo do herói fazem de *Jubiabá* (1935) uma “história exaustiva” “mal contada” e “não livre de sentimentalismo”, interpretação crítica que, de início, demonstra a natureza plurivocal do horizonte de possibilidades inerente ao que Jorge Amado escreveu.

Em que pesem essa leitura mais arraigada a um tipo de literatura modelo, a noção de uma obra militante, profética e utópica é o ponto de orientação para que o texto amadiano ganhe ampla expressividade na República Democrática da Alemanha. Tanto as análises críticas publicadas em grandes jornais de circulação nacional, como nos postulados de Erhard Engler – importante observador alemão dos textos amadianos na década de 60 – estão marcadas pela percepção de que o projeto literário do autor, escrever para o povo e pelo povo, é fruto de uma tensão, já visibilizada por Candido, no caso da crítica brasileira. Esta particularidade estaria, para o alemão, condicionada tanto ao projeto estético, carregado de lirismo, como pela aproximação do documental, mais engajado e atuante. Somando-se a esta realidade tensional, o legado biográfico de Jorge Amado até então, marcado pela militância e adesão aos ideais socialistas, seria o âmbito fundamental para o entendimento das suas composições.¹⁴ Parafraseando Engler, Vejmelka (2008, p. 54) reflete que, para o crítico, “a estreia literária, como também os romances seguintes, devem ser lidos como espelho da representativa situação histórica e de auto expressão do autor em sua procura. Procura não só no campo político e ideológico, mas também no plano literário, da combinação e da descrição realista e de criação artística”

Em se tratando da Alemanha Ocidental – da República Federativa da Alemanha – Vejmelka salienta certo recrudescimento na circulação das traduções, realizadas na Áustria na década de cinquenta e que circulam livremente entre as duas Alemanhas. Somente a partir de mil novecentos e sessenta e três é que uma regularidade tradutória irá ser conferida no lado germânico ocidental.

Ali, no mundo capitalista, o entendimento dos textos amadianos orienta-se por uma contestação do prisma engajado e militante com que esses mesmos escritos foram laureados pelas ótica oriental socialista. No âmbito do ocidente, um Jorge Amado político mitiga a força do enredo e fragiliza o projeto de conciliar estética e documento. Para Vejmelka, as concepções oriundas do crítico Ronald Daus¹⁵, pioneiro na crítica ocidental aos textos de Jorge Amado, permitem perceber que para ele, “Amado perseguiu duas abordagens extremas até as últimas consequências, fracassando nos dois casos. A primeira abordagem teria sido um politização rígida, que sufocou o momento literário da obra. Depois, evidenciaria que o abandono completo da política o levou à perda de orientação e maneirismo. Os dois extremos seriam as características específicas de Amado” (VEJMEKKA, 2008, p.65).

as lutas operárias tidas como universais. Vejmelka reproduz um dos trechos que assim argumenta, “Caros ouvintes do intervalo operário, infelizmente, temos ainda muitos poucos livros que nos contam sobre a verdadeira situação nos países de além-mar e tropicais. [...]. Depois de 1945, agora temos de novo a oportunidade de conhecer poetas progressistas. Penso especialmente no escritor mexicano [sic] Jorge Amado [...]. (Landessender Potsdam, 11 jul. 1951 apud VEJMEKKA, 2008, p. 48).

¹⁴ Interessante perceber que o livro *Teresa Batista, Cansada de Guerra* (1966) não foi publicada na Alemanha Oriental onde não se admitia a uma prostituta ser alçada à categoria de heroína.

¹⁵ Dois artigos de Ronald Daus foram publicados em 1968. *Dokumentation und Poesie bei Jorge Amado* e *Jorge Amado als engagierter Schriftsteller*.

Já para Martin Franzbach¹⁶ “o interesse principal e declarado de Amado não seria a mera ideologia, seria a combinação de política e arte” cuja culminância é alcançada pela publicação de *Gabriela*, romance em que o realismo congrega-se às técnicas artísticas concentradas na simplicidade da linguagem e no uso de fabulações mais próximas ao gosto popular. (Apud VEJMEKKA, 2008).

Por um prisma diverso, Joseph Jurt, na década de setenta, associa às obras do escritor baiano à história brasileira pós-década de trinta, sem contudo desconsiderar, o biografismo já visualizado por Erhard Engler, na República Democrática da Alemanha. Para Joseph Jurt, as narrativas de Amado podem ser agrupadas em três fases: aquela em que recupera as técnicas balzaquianas e do romance experimental de Zola, em simbiose com um “marxismo sincrético”, calcado na associação da vida particular e dois ideais revolucionários; um segundo grupo com motivos telúricos; e o terceiro composto tanto por obras ideologicamente condicionadas aos interesses políticos, como por textos em que o picaresco e o épico são articulados, inclusive comungando dos pensamentos do crítico brasileiro Eduardo Portella, ao denominar esse momento de “pluridimensional”;

Finalmente, Heinz Willi Wittschier, em seu livro, *Brasilien und sein Roman em 20. Jahrhundert*, publicado na década de oitenta, percebe alguma grandeza nos seis primeiros livros de Amado, mas enfatiza que “ele teria passado da crítica social à literatura socialista, sofrendo com a parcialidade unilateral, para, finalmente, cair por completo no inofensivo” (apud VEJMEKKA, 2008, p. 71).

Desse modo, podemos perceber, tanto pelo privilégio dado a determinadas traduções em detrimento de outras em cada país, como pelo teor expresso no discurso crítico, uma apreensão multiplicada dos textos amadianos. Em ambas, o consenso de traduzi-lo a analisa-lo como autor brasileiro e representante de uma brasilidade, de uma comunidade e nação imaginada pelos povos de outros sistemas culturais.

Na Alemanha Oriental, o exotismo do seu texto e suas técnicas narrativas folhetinescas foram delegadas a segundo plano, exaltando-se pois, a militância e o comprometimento assumidos em prol dos ideais revolucionários, haja vista a urgente necessidade de trazer à baila daquela geografia, o contexto de lutas da sociedade brasileira em cuja distância territorial residia a proximidade de ideais utópicos e libertários.

Diferentemente, no âmbito germânico-ocidental, o aspecto exótico, sobre um país de terceiro mundo, serve de norte para balizar o interesse em torno de sua obra e, concomitantemente, de medida para suas apreciações críticas que, quando abordam o político, não o fazem do ponto de vista utópico do salvacionismo partidário, mas sim voltados à denúncia das condições de vida dos povos terceiro-mundistas, acionadas pelo mestre “contador de histórias”.

O que Vejmekka consegue demonstrar é que tanto as traduções mais específicas, as interlinguais, como as “traduções” geradas das interpretações críticas são “sintomas do funcionamento discursivo” próprio dessas atividades, estando implícito nestes atos o jogo entre a linguagem do autor – produtora de significados que lhe escapam o controle, posto ser ela, a linguagem “um sistema de signos móveis”(PAZ, 2009) – com a leitura do tradutor ou crítico, imersa em suas variáveis linguísticas e socioculturais, mediante a inúmeras possibilidades de escrever e de criar a partir “de”. Desse modo, “a tradução (no sentido amplo e restrito) reflete essas mudanças: já não é uma operação com tendência a mostrar a identidade

¹⁶ O texto analítico de 1967: *Erzählkunst in Jorge Amado Gabriela*. Archiv Für das Studium der Neuren Sprachen und Literaturen acomoda as primeiras ideias do estudioso sobre o autor de *Gabriela*.

última dos homens, mas um veículo de suas singularidades” (PAZ, 2009.p.11), sobretudo, particularidades eletivas, ao mesmo tempo, situadas, de sua interpretação.¹⁷

Por outro lado, essa mesma tradução (no sentido amplo e no sentido restrito), ao desenvolver a noção de múltiplas interpretações de um mesmo texto original, no caso, as obras de Amado, filtradas pelas singularidades de cada contexto, de cada territorialidade, remete-nos, por conseguinte para busca de uma similaridade entre a matéria traduzida – com todas as suas determinações externas – e o original, rumo ao um significado uníssono, que não se remete a origem, mas ao futuro da obra em devir. Logo, as traduções interlinguais e as traduções críticas, são partes constituintes dessa heterogeneidade pretendida e projetada.¹⁸

Num estudo sobre as recriações de Amado em outras nacionalidades, Marly D’Amaro B. Tooge desenvolve um retrospecto em torno da recepção crítica e das traduções interlinguais das narrativas amadianas nos Estados Unidos. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*(2001) destaca-se ao trazer como determinante ao ingresso de Amado no espaço literário americano a figura do patrono, do mecenas moderno, este ancoradono desejo manifestado pelos interesses políticos de ambos os países – baseado no estreitamento de laços recíprocos e na boa convivência implementado pela política da “*good neighbor*” – iniciada no governo de Franklin Roosevelt, início da década de quarenta.

Teoricamente acostada às concepções de André Lefevere (1992) sobre *rewriting* e *patronage*, teorias que explicam a conexão entre as traduções, os tradutores, os críticos e as editoras como fatores constitutivos, para além do linguístico, na efetivação da tradução, Tooge recupera os fatores históricos, do início do século XX, no intuito de demonstrar que a inserção da literatura brasileira, no sistema literário americano, correspondeu, num primeiro plano, a uma das estratégias utilizadas pelo governo daquele país, como mecanismos de aproximação entre as duas nações, no caso, os EUA como patrono.

As ideias cunhadas por Lefevere, alocam o ato tradutório, a quem denomina de reescritura, como um percurso de acomodação do texto de origem ao contexto histórico e ideológico da cultura para o qual está sendo transplantado. Desse forma, Lefevere preconiza a existência de uma espécie de “manipulação” do texto fonte, em sua fase de reescritura, posto que este estará sempre comprometido com as ideologias situacionais da tradução num espaço ideológico diverso. Tais manipulações, segundo afirma, tentam responder aos mecanismos de poder que circundam o próprio ato de reescritura e que não podem ser dissociados de fatores externos ao próprio sistema literário como mídia, editoras, instituições, classes sociais. Em outras palavras, essas forças externas que pressionam o sistema literário de fora para dentro são as forças da patronagem.

Para Lefevere, as atividades da patronagem estão organizadas em três movimentos básicos: o primeiro, a própria ideologia que irá determinar o que pode ou não circular no interior de determinada cultura, ou seja, os aspectos que exercem

¹⁷ Outro estudo sobre as traduções e a recepção crítica de Jorge Amado na Alemanha Ocidental e Oriental foi realizado por Patrícia Horta em 1995. Trata-se do artigo *O Potencial de Jorge Amado na Alemanha*. In: *Lateinamerikanischer Germanistenkongress*, 1995, São Paulo, Paraty, Petrópolis, Akten des XI. São Paulo: Edusp, 2003. v.2.

¹⁸ A tese de doutoramento de Jacek Jaroslaw Jezdzikwski: *Pilar do comunismo ou um escritor exótico?* Estudo descritivo das traduções polonesas das obras de Jorge Amado, defendida em 2007 pela UFBA, analisa a inserção das obras amadianas no contexto polonês apontando o caráter político e engajado como principal foco recortado pela percepção dos tradutores.

atração ou repulsa em se tratando de cada cultura; o segundo, o fator econômico ligado tanto a rentabilidade da obra traduzida como ao pagamento dispensado a quem traduz; o terceiro, o *status* ou relações de amizades e empatias recíprocas entre os patrocinadores, reescritores e autores a serem traduzidos.

Com base nesta espécie de “pressão” exercida pelos fatores externos à atividade propriamente literária é que Tooge analisa a inserção da literatura de Jorge Amado nos Estados Unidos, já que preconiza tanto seu ingresso como as suas traduções às atividades de patronagem desencadeadas por Alfred Knoph, nos três sentidos anteriormente descritos. Essa espécie de mecenato moderno exercido entre o editor o autor e os seus tradutores, conforme explica, está notadamente acostado aos ideias expansionistas norte-americanos iniciados por ocasião de sua organização enquanto nação já no final do séc. XVIII.

Basicamente, Marly Tooge subscreve, em suas entrelinhas analíticas, as consequências ideológicas gestada na doutrina do “Destino Manifesto”¹⁹, e disseminadas na intenção de expandir o estilo de vida norte-americano ao maior número possível de pessoas, como marco fundamental para o interesse nas formas de expressão de outras localidades.

Sem desconsiderar que subjaz a esta política de aproximação uma implantação sutil dos ideais pan-americanistas, Tooge argumenta que a consolidação de uma consciência hemisférica, pela força das armas, ou por imposição econômica, é mitigada em prol de atitudes propiciadoras de uma imagem fraterna entre as nações, um modelo de tolerância baseado na ascensão do paradigma estadunidense.

Para fomentar essas ações, atividades extrapoladoras do campo político e industrial, mecanismos sutis de inserção faziam-se urgentes e as artes, de um modo geral, a literatura em particular, apresenta-se como aliada importante na construção desse espírito de “cooperação continental” (TOOGE, 2011).²⁰ Nessa medida, Tooge percebe que serviu de culminância ao novo projeto expansionista, a criação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* – OCIAA (Gabinete do Coordenador de Assuntos Interamericanos), chefiado por Nelson Rockefeller e fundado em 1940, espécie de “escritório” vinculado ao Conselho de Defesa dos Estados Unidos com a responsabilidade de tornar mais ostensivo o diálogo entre as nações do mesmo continente.

O OCIAA era pois, uma instituição que congregava tanto os interesses filantrópicos dos grandes empresário, cuja participação garantia isenção total no recolhimento de impostos, como os anseios do próprio estado, nas ações expansionistas distribuídas na área financeira, na área da saúde, na educação, na cultura. Ou seja, o órgão assumia uma verdadeira empreitada ideológica, também financiada pelo governo brasileiro em vistas de propagandear, através do DIP, o “*american way of life*”, ao mesmo tempo em que correspondia aos anseios de criação de um eixo político-econômico centralizado em Washington.

Organizada em várias frentes de intervenção, integrava o OCIAA a divisão responsável pelas Relações Culturais em cujo escopo residia o interesse na

¹⁹ A expressão “Destino Manifesto” (1857) é atribuída ao jornalista nova-iorquino Jonh L. O’Sullivan para quem o estilo democrático republicano era uma dádiva divina aos povos americanos incumbidos de disseminá-lo ao maior número de países possíveis. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Destino_Manifesto

²⁰ Segundo Tooge (2011), alargaram esse círculo de influências e intercâmbios culturais recíprocos traduções de obras norte-americanas, realizadas por Monteiro Lobato, a criação de personagens estereótipos brasileiros na filmografia de Wall Disney, como Zé Carioca e a ênfase dada aos ritmos musicais brasileiros, na figura de Carmem Miranda, estrela hollywoodiana.

implantação de políticas antinazistas na América Latina, principalmente, erigindo como contraponto ao modelo ariano, o estilo liberal americano aqui disseminado pela música, pelo cinema, pela rádio, pelos jornais e cartilhas escolares.²¹

Como contrapartida, uma visão exótica e propagandística de um Brasil, em sua máxima "cordialidade", era repassada ao povo americano através de traduções de "alguns" dos nossos autores mais emblemáticas. Nessas três primeiras décadas, as obras de Érico Veríssimo foram aquelas que receberam esse tipo de incentivo graças aos interesses da CIAA que, nesse recorte, aparece como sujeito dessa *patronage*.

O OCIAA foi, portanto, de essencial importância para que uma "imagem", uma re-apresentação" dessa nação irmã pudesse ser visualizada nos estados americanos. Para Tooge (2011, p. 56), "A tradução adquiria assim um poderoso patrono oficial: o Departamento de Estado americano. O gabinete de Rockefeller e o governo americano criaram uma 'agenda' específica com a finalidade de promover a coesão política hemisférica." O grupo brasileiro que apoiava tal projeto era uma parte "aliada".

Se no caso brasileiro a disseminação dos paradigmas americanos eram rapidamente assimilados, a recíproca não se mostrava verdadeira, justo porque os títulos brasileiros traduzidos não conseguiam romper a rígida barreira do sistema literário americano repleto de regras e peculiaridades.

Uma das exigências editoriais para que alguma obra, do idioma português, pudesse ser traduzida para o inglês norte-americano era, por exemplo, a nacionalidade americana do tradutor. Dada a carência de americanos com o domínio do português, a viabilidade desse tipo de tradução enfrentava dificuldades. Somado a esse empecilho, com a extinção do CIAA em 1946, o interesse pelo país vizinho, que durante os anos de Guerra mostrou-se como reserva editorial para o mercado norte-americano – haja vista os embargos e restrições desenvolvidas pelo mundo europeu – sofreu um forte abalo, inaugurando já na segunda metade da década, um período de desinteresse.

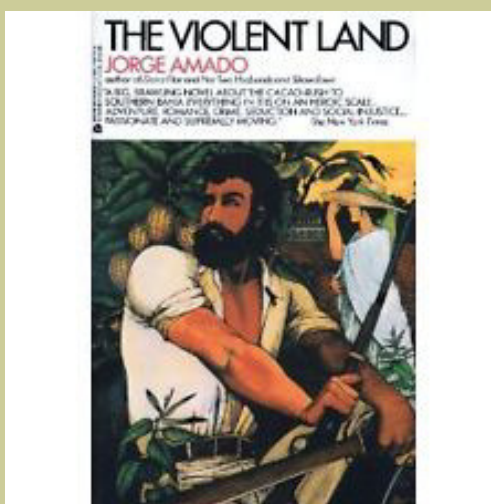
Mesmo assim, em 1945, uma tradução de *Terras do Sem Fim* é lançada pela editora de Alfred Knopf o que, segundo o próprio Amado, ocorreu graças à intervenção de Afrânio Coutinho, por ocasião de um concurso promovido pela editora MacMillan, para premiar autores da América Latina. Ou seja, o próprio Amado não descarta o intercuro de relações de amizade como instrumento decisivo para sua primeira incursão na América do Norte. Ou seja, assume a patronagem descrita por Lefevere como integrante dessa rede que interliga a reescrituras a fatores internos e externos.

Três livros encabeçavam a seleção brasileira: *Terras do Sem Fim*, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, e um livro de Oswald de Andrade – [...]. Finalmente, *Terras* foi retido, assim como o livro de Oswald, não me lembro bem dos detalhes. Mas, naquele momento, um escritor brasileiro que vivia então nos Estados Unidos, Afrânio Coutinho, recomendou meu livro a Knopf, informando sobre a leitura etc., e Knopf me propôs editar o livro. Renunciei ao concurso, e *Terras do Sem Fim* foi lançado por Knopf em 1945. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 154).

²¹ Para além dos interesses políticos e econômicos inerentes a essa engrenagem, Tooge assevera que o interesse dos Estados Unidos pela Brasil respondia também a grande quantidade de colônias alemãs presentes no Sul do país. O combate a qualquer tipo de empatia com as práticas nazistas que pudessem se manifestar naquela localidade pode, segundo afirma, explicar a ênfase delegada a Érico Veríssimo visto pelos americanos, estrategicamente, como um aliado inserido num espaço potencialmente contrário.

Das palavras de Amado, depreende-se o caráter decisivo para a publicação de *Terras de Sem Fim*, para além de qualquer grandeza épica ou qualidade indiscutível da obra, o aval, selado no voto de confiança e amizade entre Coutinho e Knopf, ainda ratificado por Samuel Putman que também indica o texto de Amado para a tradução, inclusive ocupando-se dela, são os fatores essenciais para esse ingresso.

Dessa maneira, *Terras do Sem Fim* é lançado no sistema norte-americano com o título *The Violent Land*, obra pouco compreendida pela crítica, apesar dos esforços explicativos do tradutor e do atestado de credibilidade endossado por Putman – que além de tradutor era considerado perito nos estudos sobre a literatura brasileira – reduz-a a um emaranhado de brigas e expressão de repletos de exageros. A revista *New Yorker*, segundo Tooge (2001, p. 80), em comentário sobre *The Violent Land*, assevera que “o cenário é o selvagem e exuberante interior do leste [sic] do Brasil, quando todo mundo estava tomando a terra em meio a um tumulto [tal] que faz o ‘violenta do título parecer um abrandamento [de fatos]”.



(Capa de *Terras do sem fim* – edição norte-americana)

No fragmento anterior, ratificado está o completo desconhecimento do Brasil, de sua geografia e da batalha épica desenvolvida por Jorge Amado em *Terras do Sem Fim*, de maneira que o recorte interpretativo não consegue ir além do plano mais superficial expresso na diegese. Ou seja, entre a obra, a tradução e a tradução crítica, um Amado que ora se multiplica ora é reduzido em apreciações metonímicas, muitas vezes, enviesadas.

A partir daí, Tooge atribua o fracasso da estreia de Amado no cenário americano, o completo desinteresse do público à temática presente em *Terras do Sem Fim*, mais próxima dos motivos comunistas e vista com suspeita pelos leitores americanos. Por conseguinte, cabe a estudiosa aludir ainda, ao exílio de Amado na França, por ocasião de sua cassação política, e posteriormente, seu asilo na antiga Tchecoslováquia, como possíveis agravantes para que certo “ostracismo” editorial tenha se instaurada em torno de sua obra durante as décadas de quarenta e de cinquenta, quando conforme visto anteriormente, já era conhecido e bem divulgado na França e na Alemanha Oriental.

Contudo, a década de sessenta, notadamente marcada pelo o recrudescimento das políticas da OCIAA as “reminiscências da boa vizinhança” ficam a cargo das filantropias industriais e de alguns empresários, cujo empenho concentrava-se em reconstruir alianças de cooperação entre os países por intermédio da tolerância e do respeito às peculiaridades recíprocas.

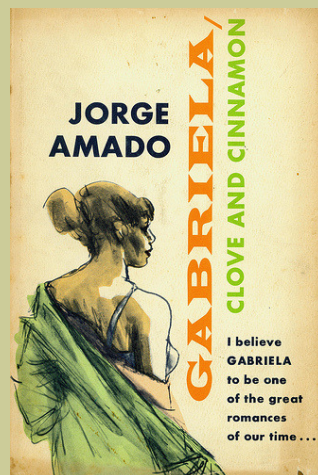
Por outro lado, a Revolução Cubana imprimia aos EUA a necessidade de prevenção contra um provável expansionismo comunista e tal fato, de certa forma, fazia urgente e necessário um retorno aos interesses pelo país, gigante em extensão territorial e em recursos naturais, bem como na manutenção de relações amistosas conferidoras de estabilidade no plano político-econômico.

Nesse contexto, aliada a uma nova postura de precaução, a imprensa americana inaugura um processo de abertura às obras brasileiras, lançando listas de autores celebres, recomendando leituras e resenhando livros importantes.

Na década de 60, Alfred Knopf já era visto por muitos como um “embaixador extraoficial para assuntos referentes ao Brasil. Ele chegava a se manifestar perante a imprensa, instituições financeiras e em eventos internacionais protestando contra a pouca atenção dispensada àquele que seria no futuro “um país tão importante quanto todas as nações hispano-americanas juntas” (TOOGE, 2011, p. 91).

Gabriela, Clove and Cinnamon, traduzido por James L. Taylor e Willian L. Grossman em 1962 foi o primeiro livro de Amado com expressiva vendagem em terras americanas, figurando como *best-sellers* do *The New York Time* por mais de um ano. (TOOGE, 2011), logrando êxito em romper as barreiras literárias americanas, na medida em que é rerepresentado eximindo-se do viés político, que lhe era próprio no texto fonte, fazendo-se equânime aos padrões ideológicos do capitalismo liberal presente nos EUA.

Essa reescritura, ancorada em certa subserviência ideológica, corresponde ao tipo de patronagem não-diferenciada proposta por Lefevere. Para esse autor, esse tipo de patronagem difere-se daquele em que somente a viabilidade econômica ascende-se como determinante na produção e reprodução das traduções. No caso dos textos de Amado, o recorte ideológico acessível ao público norte-americano realizado pela intervenção dos tradutores, a vendagem garantida, a partir de *Gabriela, Clove and Cinnamon*, e as relações de Amizade entre Alfred Knoph, Jorge Amado e seus tradutores coadunam nessa tríade relacional propícia à circulação e ampliação de seus textos naquele espaço linguístico e cultural.



(Capa de *Gabriela* – edição norte-americana)

Vale salientar que, os seus textos mais notadamente comprometidos e militantes em prol do socialismo não foram traduzidos para o inglês e naqueles que, o

documento social e a luta de classe se associa à poesia, ao lirismo, esse último foi o enfoque privilegiado, sobretudo pela orientação da *patronage*, sempre atenta à crítica como norte para os caminhos a serem privilegiados ou desmerecidos nas traduções. Sobre esse aspecto, Tooge (2011, p. 106) argumenta que,

As críticas, premiações, as menções nos artigos dos jornais, foram sempre “mensagens ou avisos enviados aos tradutores, construindo as normas locais: não deveriam acontecer muitas “perdas”, as traduções deveriam ser fluentes [...], naturais, etc. As críticas também apontavam para o que era aceito ou rejeitado nas obras publicadas. [...]. O que podemos imaginar é que tais recados passariam, com o tempo, a interferir no *habitus* do tradutor.

Contudo, assevera Tooge, que esse *feed back* crítico não se mostrava decisivo para a construção final da tradução ficando ao cargo do próprio editor que exigia a não ocorrência de cortes ou “adaptações” formais aos textos de Amado, sempre negativamente sinalizados pelas resenhas dos principais jornais como de extensão desmesurada. Fosse como fosse, a busca por uma “fidelidade na equivalência” figurava como meta principal das publicações amadianas sob o crivo de Alfred Knoph.

Para o inglês norte-americano, a estudiosa contabiliza vinte e oito traduções dos textos amadianos das quais nove são tributárias à equipe de Alfred Knoph. Curioso perceber que, justamente essas traduções referendam as obras mais distantes do caráter político e foram elas que tiveram reconhecida popularidade junto ao público local.

Assim, se em França e na Alemanha os mecanismos da poética tradutória, em torno dos textos de Amado, ancoraram-se em posturas mais voltadas às interpelações do sujeito tradutor, “assujeitado” pelas influências interculturais próprias daquele contexto de interpretação, Tooge soma a essas perspectivas a figura moderna do mecenas, no caso, a figura do editor, como fundamento para que dada linha de interpretação seja assegurada.

Notadamente, conforme (LEFEVERE, 1992, p. 15) “*are close do the ideology of patrons dominating taht phase in the history of the social system in which the literary system is embedded*”²² que fez com que um Jorge Amado especial fosse somado ou diminuída a dimensão do que escreveu, culminando pois, com a ideia da tradução e também da crítica enquanto escolha, enquanto recorte, enquanto ampliação ou inversão.

Por esse prisma, podemos perceber que as diferentes possibilidades tradutórias, entre sistemas interlinguais e interculturais, fundamentam o conhecimento de seus textos ora como expressão de uma brasilidade mestiça, enriquecida pela relação do encontro entre culturas, ora como porta-vozes de um marxismo engajado ou como testemunhos de uma paridade de vivências experimentadas por sujeitos inseridos em contextos diaspóricos e fraturados, imersos em realidades de opressão cultural e ávidos pelo advento utópico de uma possível contestação carnalizadora²².

Na percepção de Vargas Llosa (1997, p. 38), enquanto leitor e admirador:

²²Segundo dados da editora Record – detentora dos direitos de publicação do citado escritor – Jorge Amado é o autor nacional que mais vendeu livros dentro e fora do Brasil. “A soma de todos os exemplares vendidos pela Record de 1975 a 1997 foi de 20.050.500 livros”. Cf. Goldstein(2003, p.20).

Os escritos de Jorge Amado, como os dos seus contemporâneos hispano-americanos na época, o Pablo Neruda, de *Canto Geral* ou o Miguel Angel Asturias, de *Weekend na Guatemala*, *Vento Forte* e *O Papa Verde*, pareciam animados por um ideal cívico e moral (revolucionário seria a palavra mais correta) e ao mesmo tempo estético – embora muitas vezes, como nos livros citados, o primeiro comprometia este último. O que salvou o Jorge Amado de então da armadilha em que caíram muitos escritores latino-americanos ‘militantes’ que se converteram, como queria Stalin, em ‘engenheiros da alma’, ou seja, em meros propagandistas, foi que em seus romances políticos um elemento intuitivo, instintivo e vital prevaleceu sempre ao ideológico, superando os esquemas racionais.

Essa essência de liberdade que chega a percepção de Llosa faz com nos próprios textos engajados, “armas” a serviço de uma revolução, lampejos de imprevisibilidade fossem experimentados, ao mesmo tempo em que as fraturas do convívio com situações opressoras. Mia Couto entende o texto de Jorge Amado como locus de similitude entre Moçambique e Brasil, como ponte que desconstrói as distâncias e proporciona uma identificação sedimentada num pertencimento afim. Para o autor:

Seus personagens eram vizinhos não de um lugar, mas da nossa própria vida. Gente pobre, gente com os nossos nomes, gente com as nossas raças passeavam pelas páginas do autor brasileiro. Ali estavam os nossos malandros, ali estavam os terreiros onde falamos com os deuses, ali estava o cheiro da nossa comida, ali estava a sensualidade e o perfume das nossas mulheres. No fundo, Jorge Amado nos fazia regressar a nós mesmos (COUTO, 2006).

Não é, porém apenas a aceitação de Jorge Amado em outros países que revela a extensão da amplitude de sua obra. Sua escrita “solar”, conforme Machado (2006), sempre esteve atenta a convergências e intercâmbios, basta observar, por exemplo, o modo como inseriu naquilo que escreveu técnicas oriundas dos panfletos socialistas, motivos advindos da poesia popular, ferramentas da música e do universo cosmogônico do candomblé, além de técnicas transplantadas do cinema e do teatro, por exemplo.

Talvez por isso, atento que esteve às mudanças do contexto em que viveu, apoiado no ideal de fazer do povo, ao mesmo tempo, modelo e alvo de seus escritos, tenha se mostrado apto a inserção de um amplo leque composicional que, tanto imprime em sua obra o que é configurado pela relação com outras modalidades de expressão, como se torna facilmente percebida como fonte inesgotável para transposições em outros veículos midiáticos. Sempre viva, sempre dinâmica, ora esquivando-se das amarras estéticas do seu contexto, ora reformulando-se.

José Paulo Paes (1999), por exemplo, com seu olhar acurado, sinaliza para influência de outras semioses na confecção de *Gabriela* (1958). Para ele, com o foco narrativo em terceira pessoa, Jorge Amado pode dotar as falas da protagonista de um ritmo poético, na medida em que confere musicalidade às falas da personagem, em contraste imediato com as demais vozes que se entrecruzam no romance. Chama atenção ainda, para a inserção de técnicas folhetinescas, na abertura do texto, para inserção de poemas e cantos advindos do folclórico e do popular no interior da

narrativa e, principalmente, para *roman-fleuve* em cujo encadeamento de ações e personagens parece estar centrado todo o projeto amadiano.

Mas isso, já é outro rizoma assumido pelo mensageiro do povo em sua literatura que põe sistemas de linguagem em complexas redes de desterritorialização na geografia literária ou para além dela...

REFERENCIAL TEÓRICO:

ALVES, Ivia. *De paradigmas, cânones e avaliações: ou dos valores negativos da produção literária de Jorge Amado*. Letras de hoje. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Letras PUCRS, v 37, jun. 2001, p. 197-207.

AMADO, Jorge (1961). Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: *Jorge Amado: povo e terra. 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins. 1972a.

ARMSTRONG, Piers. *Third World Literacy Fortunes: Brazilian Culture and its International Reception*. Associated University Presses. London, 2009ance em tempo de utopia. São Paulo: Record, 2006, p. 11-16.

BASTIDE, Roger. Sobre o romancista Jorge Amado. In: *Jorge Amado: povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2 ed. Porto Alegre: Ed. UFRG, 2003.

BEZERRA, Paulo. Jorge Amado resgatado. In: DUARTE, Eduardo de Assis.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *Jorge Amado: A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: Ed. Massagana: São Paulo: Cortez, 1999.

CANDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. In: *A Educação Pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006a, p. 219-240.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

_____. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A Educação pela Noite*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.169-196.

_____. Poesia, documento e história. In: *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1972, p.

_____. Poesia, documento e história. In: Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de Literatura. São Paulo: Martins, 1972, p. 109 -124.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COUTO, Mia. ...e fazer do nosso sonho uma casa. In: *O Estado de São Paulo*. 2006. Disponível em:

http://www.academia.org.br/antigo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=361&inford=7174&sid=593. Acessado em junho de 2013.

DEBS, Sylvie. A transposição cinematográfica da obra amadiana. In: OLIVIERI-DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. São Paulo: Record, 2006.

DUSI, Nicola. *Translating, adapting, transposing*. (2010). ASSA. Nº 24. Disponível em: <http://french.chass.utoronto.ca/as-sa/ASSA-No24/Article7en.html>. Acessado em: 10.12.2013.

FRANCESCHI, Antônio Fernando (org.). *Cadernos de Literatura Brasileira* nº 3: Jorge Amado. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 98-119.

GALVÃO, Walnice N. Amado: respeitoso, respeitável. In: *Saco de Gato*. São Paulo: Duas cidades, 1976, p.

GENETTE, Gérard. *Figuras*. São Paulo: Perspectivas, 1972.

_____. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éd. Du Seuil, 1982.

_____. *Palimpsestos: A Literatura em Segunda Mão*. Trad. Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira et all. Belo Horizonte: Revista Viva Voz, 2010.

GERMANO, Patrícia G. *O Sumiço da Santa: uma representação do híbrido literário-cultural-religioso*. Campina Grande, 2008, 217 p. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. (2008). Meio Digital. Disponível em: http://pos-graduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/?wpfb_dl=324. Acessado em: 09.04.2012.

_____. Dos franciscanos à igreja secular, dos dogmas católicos ao cristianismo do povo: ecos do passado na literatura contemporânea. In: *Hispanista*, n. 33. [Internet]. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/revista/artigo259.htm>. Acessado em: 12.12.12.

_____. Jorge Amado: romancista de trinta e/ou escritor de utopias. *Revista Hispanista*. 2012. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/410.pdf>. Acessado em: 20.04.2012.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enille do Carmo A. Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GODET, Rita; PENJON, Jacqueline. (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004, p. 239-264.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional*. São Paulo: Senac, 2003.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

LEFEVERE, André. *Translating Literature: practice and theory in a compative literature contexto*. Modern Language Association of America. New York:1992.

LHOSA, Mario Vargas. Parceiros de viagem. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando (org.). *Cadernos de Literatura Brasileira* nº 3: Jorge Amado. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 37-40.

MACHADO, Irene. *Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê, 2003.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista. Como e por que ler Jorge Amado hoje*. São Paulo: Objetiva, 2006.

PAES, José Paulo. *De Cacau a Gabriela: um percurso pastoral*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

PAZ, Otávio. *Tradução: literatura e literalidade*. Trad. Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: Revista FALE/UFMG, 2009.

PELEGRINI, Tânia. O povo como adereço: carnaval de Jorge Amado. In: SEGATTO, José Antonio & DALDAN, Ude. *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 121-143.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A Leitora e seus Personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros*. Rio de Janeiro: Graphia, 2005. p. 141-142.

PEREIRA, Rubens Alves. Traços e cores da Bahia: a ilustração na obra de Jorge Amado. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline. (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004, p. 213-238.

PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. 2ª ed. Estudos 93. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PORTELLA, Eduardo. A fábula em cinco tempos. In: *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972, p. 71-84

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.

QUINT, Anne Marie. Passeio pelas traduções francesas dos romances de Jorge Amado. In: OLIVIERI-GODET, Rita & Jacqueline, PEJON. (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: Casa das Palavras, 2004, p. 45-52.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RIBEIRO, DARCY (et all). Parceiros de viagem. In: DE FRANCESCHI, Antônio Fernando (org.). *Cadernos de Literatura Brasileira nº3: Jorge Amado*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 26-28.

RIVAS, Pierre. Fortuna e infortúnios de Jorge Amado: recepção comparada da obra amadiana. In: OLIVIERI-GODET, Rita e PENJON, Jacqueline (org.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, Casa de Palavras, 2004, p. 20-33.

ROCHA, João César de Castro. Oralidade, musicalidade e apuro visual marcam as narrativas de Jorge Amado. In: *Estadão.com.br/Arte & Lazer*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,oralidade-musicalidade-e-apuro-visual-marcam-as-narrativas-de-jorge-amado,910775,0.htm>. Acessado em 15.07.13.

SOUZA, Lícia Soares. Forças e fragilidade de Porto dos Milagres: adaptação televisiva de Mar morto. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline. (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004, p. 265-278.

STROZEMBERG, Ilana. Gabriela Cravo e Canela ou as confusões de uma cozinheira bem temperada. In: Jorge Amado, Km 70. *Tempo Brasileiro: 74*. 1983: p. 45-66.

SUSSEKIND, Flora. *Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna*. In: SUSSEKIND, Flora, *Papéis colados*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1993.

TATI, Miécio. *Jorge Amado, vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado*. São Paulo: Martins, 1969.

TOOGE, Marly D'Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país de Jorge Amado*. São Paulo, 2009, 267p. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Meio Digital. Disponível em www.teses.usp.br/.../publico/MARLY_D_AMARO_BLASQUES_TOOG. Acessado em 10.06.2012.

TOOGE, Marly D'Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2011.

VEJMEJKA, Marcell. *A obra de Jorge Amado nas Alemanhas Oriental e Ocidental: suas recepções e traduções*. Salvador: Casa de Palavras/FCJA, 2008.

ZOLA, Emile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1980.